



**DACEC**

Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,  
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUÍ**

# Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 12/10/2018 a 18/10/2018

**Prof. Dr. Argemiro Luís Brum<sup>1</sup>**  
**Jaciele Moreira<sup>2</sup>**

---

<sup>1</sup> Professor do DACEC/UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

<sup>2</sup> Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, bacharel em economia pela UNIJUÍ, Tecnóloga em Processos Gerenciais – UNIJUÍ e aluna do MBA – Finanças e Mercados de Capitais – UNIJUÍ e ADM – Administração UNIJUÍ.

## Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
<b>12/10/2018</b>	8,67	312,40	29,04	5,17	3,73
<b>15/10/2018</b>	8,91	327,00	29,76	5,25	3,78
<b>16/10/2018</b>	8,84	322,30	29,66	5,23	3,75
<b>17/10/2018</b>	8,85	323,70	29,56	5,17	3,74
<b>18/10/2018</b>	8,63	316,30	29,02	5,13	3,70
<b>Média</b>	<b>8,78</b>	<b>320,34</b>	<b>29,41</b>	<b>5,19</b>	<b>3,74</b>

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos  
Libra peso = 0,45359 quilo

bushel de milho = 25,40 quilos  
tonelada curta = 907,18 quilos

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

**Médias semanais (compra e venda) no mercado de lotes brasileiro - em praças selecionadas (em R\$/Saco)**

<b>SOJA</b>	<b>Média*</b>	<b>Var. % relação valor anterior</b>
RS - Passo Fundo	88,00	+1,7
RS - Santa Rosa	87,00	+1,8
RS - Ijuí	87,00	+1,8
PR - Cascavel	84,50	-0,6
MT - Rondonópolis	78,00	+2,6
MS - Ponta Porã	81,00	0,0
GO - Rio Verde (CIF)	81,00	-1,2
BA - Barreiras (CIF)	70,00	+1,4
<b>MILHO</b>		
Argentina (FOB)**	164,00	+1,9
Paraguai (FOB)**	130,00	0,0
Paraguai (CIF)**	165,00	-2,9
RS - Erechim	40,50	-4,7
SC - Chapecó	38,50	-4,9
PR - Cascavel	32,00	-9,8
PR - Maringá	32,50	-1,5
MT - Rondonópolis	23,00	-4,2
MS - Dourados	28,00	0,0
SP - Mogiana	34,00	0,0
SP - Campinas (CIF)	35,00	-4,1
GO - Goiânia	30,00	0,0
MG - Uberlândia	34,00	-2,8
<b>TRIGO (***)</b>		
RS - Carazinho	850,00	0,0
RS - Santa Rosa	850,00	0,0
PR - Maringá	950,00	0,0
PR - Cascavel	900,00	0,0

17/10/2018

ND = Não Disponível.

(\*) Valor de compra.

Fonte: CEEMA com base em dados da Safras & Mercado. Preços em reais/saco. \*\* Preço

médio em US\$/tonelada. \*\*\* Em reais por tonelada

**Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 18/10/2018**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	36,93	79,06	40,18

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

### Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 18/10/2018**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	43,77
Feijão (saco 60 Kg)	138,33
Sorgo (saco 60 Kg)	28,92
Suíno tipo carne (Kg vivo)	3,10
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	1,24
Boi gordo (Kg vivo)*	4,68

(\*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

## MERCADO DA SOJA

As cotações da soja em Chicago, nesta semana, subiram, se aproximando dos US\$ 9,00/bushel para o primeiro mês cotado (US\$ 8,91 no dia 15/10). Porém, na quinta-feira (18) houve sensível recuo, com o bushel fechando o dia em US\$ 8,63, contra US\$ 8,58 na semana anterior.

O principal motivo da alta foi o excesso de chuvas nas regiões produtoras estadunidenses durante os últimos dias. Este fato atrasou sensivelmente a colheita da soja. Tanto é verdade que a mesma, até o dia 14/10, havia sido realizada em apenas 38% da área total semeada, contra 53% na média histórica para esta época do ano. Todavia, mais para o final da semana o clima melhorou e a colheita voltou a avançar, derrubando as cotações.

Já as condições das lavouras estadunidenses que faltavam ser colhidas, até o dia 14/10 apresentavam o seguinte quadro: 11% entre ruins a muito ruins; 23% regulares e 66% entre boas a excelentes. Apesar da leve piora no quadro, o mesmo ainda se apresenta melhor do que o registrado na safra passada nesta época.

Por outro lado, apesar do relatório de oferta e demanda, anunciado no dia 11/10, confirmar uma safra recorde nos EUA para este ano 2018/19, o mercado esperava um número maior do que os pouco mais de 127 milhões de toneladas anunciados. No curto prazo, isso também ajudou a fortalecer um pouco as cotações.

Paralelamente, as inspeções de exportação, por parte dos EUA, somaram 1,16 milhão de toneladas na semana encerrada em 11/10, melhorando bastante em relação à semana anterior.

No Brasil, os preços internos da soja se estabilizaram, com o câmbio se mantendo entre R\$ 3,70 e R\$ 3,75 durante a semana. Assim, o balcão gaúcho fechou na média semanal de R\$ 79,06/saco, enquanto os lotes ficaram entre R\$ 87,00 e R\$ 88,00/saco. Nas demais praças nacionais os lotes registraram os seguintes valores médios: R\$ 85,00 no norte do Paraná; R\$ 72,00 em Canarana (MT); R\$ 76,50 em São Gabriel (MS); R\$ 79,00 em Goiatuba (GO); R\$ 73,00 em Pedro Afonso (TO) e R\$ 75,00/saco em Uruçuí (PI).

Os prêmios nos portos, devido a continuidade do conflito comercial entre EUA e China, permaneceram elevados, se fixando entre US\$ 2,28 e US\$ 2,67/bushel no final da corrente semana.

É interessante observar que, na comparação com a média de preços no balcão gaúcho 10 anos atrás (em meados de outubro de 2008 o saco de soja nesta modalidade estava na média de R\$ 41,41) o ganho nominal, ponta-a-ponta, é de 93,8% e o ganho real de 9,6%. Ou seja, no momento a soja está remunerando acima da inflação oficial brasileira (IPCA) registrada no período. Além disso, considerando os custos de produção médios no Rio Grande do Sul, segundo órgãos públicos, o ganho líquido por saco de soja, por parte do produtor gaúcho, ficou em R\$ 21,98 na safra 2017/18 (obviamente para aqueles que registraram safra normal), contra apenas R\$ 3,98/saco na safra anterior, de 2016/17, quando os preços locais estiveram bem mais baixos.

Já o plantio da nova safra brasileira de soja atingia a 18% da área esperada em 11/10, contra 10% na média histórica para esta época do ano. O Paraná alcançava 41% de área semeada, contra 31% na média; Mato Grosso 30%, contra 13% na média; Mato Grosso do Sul 28%, contra 17% na média; Goiás 8%, contra 4% na média; São Paulo 8%, contra 1%; e Minas Gerais 3%, contra 2% na média histórica.

Os preços elevados da soja nestas últimas semanas estimulam a um aumento da área semeada. Espera-se 36,4 milhões de hectares em soja no Brasil, número que representa um aumento de 3,4% sobre o ano anterior. Se confirmada, será um novo recorde nacional de área semeada com soja.

Em clima normal, projeta-se uma safra total brasileira em 2018/19 ao redor de 121 milhões de toneladas, contra 119,4 milhões no ano anterior. Daquele total, 40 milhões serão esmagados pelas indústrias instaladas em solo nacional, enquanto 79 milhões de toneladas deverão ser exportadas. Ou seja, o Brasil exportará 65,3% de sua futura produção de soja. Do esmagamento indicado resultará uma produção de 30,5 milhões de toneladas de farelo e 8 milhões de toneladas de óleo de soja. Quanto ao farelo, 16,6 milhões deverão ser consumidos internamente, sob forma de ração animal das mais diversas, enquanto 13,5 milhões de toneladas deverão ser exportadas. Já em óleo de soja, 7,6 milhões serão consumidas internamente, sendo 3,8 milhões sob forma de biodiesel, enquanto apenas 620.000 toneladas serão exportadas. Em se confirmando esta exportação, o volume será o mais baixo em muitos anos. (cf. Safras & Mercado)

## MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago igualmente subiram um pouco nesta semana, porém, o primeiro mês cotado fechou a quinta-feira (18) praticamente nos mesmos níveis da semana anterior, ou seja, em US\$ 3,70/bushel, contra US\$ 3,69 uma semana antes.

Pesou sobre o mercado as chuvas ocorridas nas regiões de colheita dos EUA, o que atrasa a mesma. Todavia, esta colheita ainda se comporta bem, pois até o dia 14/10 atingia a 39% da área, contra 35% na média histórica. Já as condições das lavouras que faltam ser colhidas se mantiveram iguais a da semana anterior, ou seja, 12% entre ruins a muito ruins, 20% regulares e 68% entre boas a excelentes.

O clima nos EUA continuará sendo um elemento decisivo para a definição das cotações do milho em Chicago nas próximas semanas. A proximidade de uma frente fria intensa e precoce no Meio Oeste estadunidense poderá levar os produtores locais, neste restante de outubro a privilegiarem a colheita da soja em detrimento do milho.

Na Argentina e no Paraguai, a tonelada FOB do milho ficou cotada, na média semanal, em US\$ 164,00 e US\$ 130,00, respectivamente.

Já no Brasil, os preços do milho voltaram a recuar, sob pressão da entrada da safrinha e das dificuldades de exportação mais recentes. Nota-se que, mesmo com a forte desvalorização do Real no transcorrer do ano, as vendas externas de milho, por parte do Brasil, estão abaixo do registrado em igual período do ano passado.

De fato, nos nove primeiros meses do corrente ano de 2018 o Brasil exportou 12,68 milhões de toneladas de milho, contra 16,7 milhões em igual período de 2017. Portanto, entre janeiro e setembro o país exportou 24% menos milho neste ano do que em 2017. Tal situação, caso não haja melhora nos últimos três meses do ano, poderá levar a uma redução sensível dos preços do cereal após a colheita da safra de verão, caso esta venha dentro da normalidade.

Já nos nove primeiros dias úteis de outubro (até o dia 14/10) as exportações de milho registraram um volume de 1,65 milhão de toneladas, a um preço médio de US\$ 173,70/tonelada.

Por outro lado, há maior oferta no interior paulista, fato que pressiona igualmente o mercado. Assim, o referencial Campinas ficou em R\$ 37,00/saco no CIF. Em função da revalorização do Real provocou queda nos prêmios portuários para o milho nacional, com os mesmos cada vez mais próximos do que está sendo praticado no Golfo do México e na Argentina (a moeda brasileira voltou a se aproximar dos R\$ 3,70 durante a semana, havendo analistas que apontam a possibilidade de a mesma chegar a R\$ 3,60 caso se confirmem as pesquisas eleitorais para a presidência da República).

Quanto às cotações na B3, o movimento de recuo continua junto aos principais contratos, diante de consumidores paulistas abastecidos e com baixo interesse de compra. Com tal cenário, tanto na Bolsa quanto no mercado físico brasileiro os preços do milho recuam.

Enfim, o plantio da nova safra de verão do cereal atingia a 46% da área no Centro-Sul brasileiro, até o dia 11/10. O Rio Grande do Sul havia semeado 76% de sua área esperada, Santa Catarina 56%, Paraná 68%, São Paulo 40%, Mato Grosso do Sul 20%; Goiás/DF 12% e Minas Gerais 11%.

Neste contexto todo, o balcão gaúcho fechou a semana na média de R\$ 36,93/saco, enquanto os lotes giraram entre R\$ 39,00 e R\$ 40,50/saco. Nas demais praças nacionais os lotes ficaram entre R\$ 20,00 no Nortão do Mato Grosso e R\$ 38,50/saco nas regiões catarinenses de Videira, Concórdia, Campos Novos e Chapecó.

No comparativo com 10 anos atrás, o milho tem um ganho nominal de 83,6% e um ganho real de apenas 3,9% na medida em que o preço de outubro de 2008 era de R\$ 20,45/saco na média gaúcha, contra R\$ 37,55 em meados do corrente mês de outubro. Para dar conta da inflação oficial no período, que foi de 76,8%, o preço do milho, no balcão gaúcho, deveria estar em R\$ 36,15/saco no momento.

A semana terminou com a realidade do mercado oferecendo novos elementos de recuo nos preços internos do milho. Em São Paulo, consumidores estocados e produtores procurando vender definiram o quadro baixista, enquanto na exportação a revalorização do Real, que alcançou R\$ 3,66 por dólar, reduziu preço, com o porto de Santos registrando compradores pagando de R\$ 36,00 a R\$ 36,50/saco.

## **MERCADO DO TRIGO**

As cotações do trigo em Chicago subiram bem no início da semana (US\$ 5,25/bushel no dia 15/10), porém, cederam um pouco no final da mesma, sendo que o primeiro mês fechou a quinta-feira (18) em US\$ 5,13/bushel, contra US\$ 5,08 uma semana antes.

O mercado esteve apoiado em ajustes técnicos a partir do sentimento de que a demanda pelo trigo estadunidense se mantém firme. Além disso, há indicativos de quebra de safra em muitos países produtores, especialmente na Rússia e Austrália, como já foi frisado em comentários passados.

Ajudou igualmente às altas o fato de o milho e a soja terem se valorizado nesta semana, puxando o trigo. Por sua vez, as inspeções estadunidenses de trigo, na semana encerrada em 11/10, somaram 450.980 toneladas, superando de pouco o volume da semana anterior.

Arrefeceu um pouco o movimento de alta o fato de que o plantio de trigo de inverno nos EUA caminhar adequadamente neste momento. Até o dia 14/10 o mesmo atingia a 65% da área esperada, contra 67% na média histórica.

Ao mesmo tempo, houve realização de lucros por parte dos operadores no final da semana, pressionados pela melhoria do clima nas regiões de plantio do trigo de inverno nos EUA. O recuo nos preços do petróleo no mercado internacional e a alta do dólar frente as principais moedas mundiais também contribuíram para o recuo.

Já no Mercosul, a tonelada FOB para exportação girou entre US\$ 210,00 e US\$ 215,00. Para a safra nova o valor permaneceu em US\$ 210,00. Ambos para a compra.

No Brasil, o preço do cereal, na média do balcão gaúcho, se estabilizou em R\$ 40,18/saco na média desta semana. Os lotes ficaram em R\$ 51,00/saco. No Paraná, o balcão girou entre R\$ 43,00 e R\$ 47,00/saco, enquanto os lotes ficaram entre R\$ 54,00 e R\$ 57,00/saco. Em Santa Catarina, o balcão permaneceu entre R\$ 42,00 e R\$ 43,00/saco, enquanto os lotes, na região de Campos Novos, ficaram em R\$ 52,50/saco.

O mercado continua preocupado com as intempéries que estão provocando perdas nas safras do sul brasileiro, particularmente no Paraná, mas também em Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Algumas lavouras no Noroeste gaúcho, por exemplo, colhidas na última semana apresentaram rendimentos médios de apenas 20 a 22 sacos por hectare. Por sua vez, mais ao norte do Estado lavouras colhidas chegaram entre 47 a 50 sacos por hectare. No Estado gaúcho a colheita não ultrapassaria, hoje, cerca de 5%, enquanto no Paraná a mesma já atinge a 70% da área semeada.

Além do volume, há redução de qualidade em muitas lavouras nos três Estados do Sul.

Diante deste quadro de menor oferta local, os preços para o produto de qualidade podem voltar a subir, apesar da pressão baixista atual pela pressão da colheita. Pelo sim ou pelo não, o fato é que o mercado tritícola brasileiro se encontra diante de muitas incertezas, com o clima continuando a ser um elemento central na definição dos preços futuros.

Neste sentido, vale destacar que os atuais preços médios de balcão no Rio Grande do Sul estão nominalmente mais elevados em 63,3% sobre os registrados 10 anos atrás. Todavia, em termos reais, tais preços registram uma perda de 7,6%. Dito de outra forma, neste momento o preço real do trigo é menor do que o registrado em outubro de 2008. Para ao menos empatar com a inflação do período, a média gaúcha no balcão deveria estar valendo R\$ 44,55/saco.